

“Divisões” e “partidarismos” na igreja de Corinto

Um estudo de 1Cor 1-4¹

"Divisions" and "Partisanism" in the Church of Corinth A
Study of 1 Cor 1-4

Diana Maria Souza Martins²
Júlia Catherine Venezes de Oliveira³
José Adriano Filho⁴

Resumo: Esse artigo procura analisar as “divisões” e “partidarismos” existentes na igreja de Corinto (1,10-4,21), cuja origem era a adulação de líderes favoritos, as atitudes de orgulho, arrogância e obsessão pela sabedoria e eloquência. O artigo demonstra também que Paulo, ao buscar a unidade da igreja de Corinto, afirma que a cruz de Cristo anula qualquer justificativa para a arrogância, autossuficiência e “orgulho” (1,26-31; 3,21; 4,6-7.18-19; 5,2; 8,1; 13,4). A sua linguagem é dominada por termos que visam defender a unidade da comunidade, destacando-se o apelo “ao que é proveitoso para a comunidade” (6,12; 10,23; 10,33; 12,7). Paulo apresenta os antepassados, Apolo e a si mesmo como exemplos dignos de imitação (4,8-13; 5,6-8; 6,16-17; 8,13; 9,1-27; 10,1-13; 6,16-17; 10,18; 13,1-13; 14,21). Ao demonstrar “o que é benéfico para a comunidade”, busca a resolução dos conflitos e, ao apresentar a si mesmo e a Apolo como exemplos de cooperação e de sofrimento, visa corrigir o gloriar-se impróprio da comunidade e a não

Recebido em: 02 de out. de 2023

Aceito em: 11 de out. de 2023

¹ Artigo desenvolvido como parte do projeto de Iniciação Científica da Faculdade Unida de Vitória - ES, “Paulo e a Retórica: estudo da linguagem e composição de 1Coríntios” (EDITAL FAPES Nº 10/2022 - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Tecnológica e de Inovação do Espírito Santo – PIBICES 2022).

² Graduanda em Teologia, Faculdade Unida de Vitória - ES. Bolsista FAPES.

³ Graduanda em Teologia, Faculdade Unida de Vitória - ES. Bolsista FAPES

⁴ Doutor em Ciências da Religião (UMESP) e em Teoria e História Literária (UNICAMP), professor da Faculdade Unida de Vitória - ES.

colocar a sua fidelidade em líderes específicos, que era a causa das divisões e partidarismos na comunidade.

Palavras-chave: Divisões; Partidarismos; Sabedoria; Eloquência; *Exemplum*.

Abstract: This article seeks to analyze the “divisions” and “partisanship” that existed in the church of Corinth (1,10-4,21), whose origin was the adulation of favorite leaders, attitudes of pride, arrogance and obsession with wisdom and eloquence. The article also demonstrates that Paul, when seeking unity in the Corinthian church, states that the cross of Christ nullifies any justification for arrogance, self-sufficiency and “pride” (1,26-31; 3,21; 4,6-7.18-19; 5,2; 8,1; 13,4). The Pauline language is dominated by terms that aim to defend the unity of the community, highlighting the appeal “to what is beneficial to the community” (6,12; 10,23; 10,33; 12,7). Paul presents the ancestors, Apollo, and himself as examples worthy of imitation (4,8-13; 5,6-8; 6,16-17; 8,13; 9,1-27; 10,1-13; 6,16-17; 10,18; 13,1-13; 14,21). By demonstrating “what is beneficial to the Community”, he seeks to resolve those conflicts and, by presenting himself and Apolo as examples of cooperation and suffering, he aims to correct the community’s inappropriate boasting and not put its loyalty in specific leaders, which was the cause of divisions and partisanship in the community.

Keywords: Divisions; Partisanship; Wisdom; Eloquence; *Exemplum*.

Introdução

1Cor 1,10-4,21 revela os problemas e as preocupações de Paulo com as divisões e partidarismos existentes na igreja de Corinto, uma igreja que era resultado da sua atividade missionária naquela cidade (At 18,1-11). Quando Paulo deixou a cidade, havia ali uma florescente comunidade, mas entre a sua fundação e a redação de 1Coríntios surgiram diversos conflitos, entre os quais se destacam os conflitos interpessoais apresentados em 1Cor 1,10-4,215. Como o que estava em jogo envolvia atitudes e valores apropriados à mensagem do evangelho, Paulo exorta os coríntios a que “em nome de nosso senhor Jesus Cristo, faleis todos a mesma coisa e que não haja entre vós divisões; antes, sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer” (1,10). A “discórdia” existente na comunidade foi criada por pessoas que declaravam a sua lealdade a diferentes líderes: “Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo” (1,12). Cada grupo louvava o próprio apóstolo e atacava os apóstolos dos outros grupos. A “sabedoria” é também uma importante categoria conceitual importante neste texto. Muito

⁵ HORRELL, David G. *The Social Ethos of the Corinthians Correspondence. Interests and Ideology from 1 Corinthians to 1 Clement*. Edinburgh: T & T Clark, 1996. p. 112-117.

estimada pelos coríntios, ela era utilizada como critério na avaliação e compromisso com os líderes mencionados⁶.

Ao analisar essas divisões e partidarismos apresentados em 1Cor 1,10-4,21, esse artigo procura demonstrar como Paulo, ao buscar a unidade da comunidade, tem como objetivo encerrar as “divisões” e “partidarismos” cuja origem envolvia a adulação de líderes favoritos, as atitudes de orgulho, arrogância e obsessão pela sabedoria e eloquência. A exaltação da retórica gerava o orgulho e uma compreensão equivocada e inapropriada do papel dos líderes. Para Paulo, a cruz de Cristo anula qualquer justificativa para a arrogância, autossuficiência e “orgulho” (1,26-31; 3,21; 4,6-7.18-19; 5,2; 8,1; 13,4). Ele considera também que as pessoas que pertenciam à comunidade deveriam renunciar os seus direitos e assumir a atitude de servos. Sua linguagem, derivada da oratória política e de tratados que se referem à unidade política, é dominada por termos que visam defender a unidade da comunidade, destacando-se o apelo “ao que é proveitoso para o bem comum da comunidade” (6,12; 10,23; 12,7; 10,33). Paulo apresenta também os antepassados e ele mesmo e Apolo como exemplos dignos de imitação (antepassados: 10,1-13; 5,6-8; 6,16-17; 10,18; 14,21; ele mesmo: 4,8-13; 8,13; 9,1-27; 13,1-13). Ao demonstrar o que é benéfico para a comunidade, busca a resolução dos conflitos e, ao apresentar a si mesmo e a Apolo como exemplos de cooperação e de sofrimento, visa corrigir o gloriar-se impróprio da comunidade e a não colocar a sua fidelidade em líderes específicos, que era a causa das divisões na comunidade.

1. “[...] havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnis e andais segundo o homem?” (3,3)

Paulo foi informado da existência de divisões na igreja de Corinto por uma delegação associada a Cloé. Ele estava preocupado com as divisões e escândalos na comunidade, que acabaram por criar grupos que giravam em torno de algumas autoridades: “Rogo-vos, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma coisa e que não haja entre vós divisões; antes, sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer. Pois a vosso respeito, meus irmãos, fui informado, pelos da casa de Cloé, de que há contendas entre vós. Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu,

⁶ PICKETT, Raymond. *The Cross in Corinth*. The Social Significance of the Death of Jesus. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997. p. 37-39.

de Cristo (1,10-12). A expressão “faleis todos a mesma coisa” era comumente utilizada na literatura grega antiga para descrever o oposto das divisões. Aqueles que “dizem a mesma coisa” são os aliados, os compatriotas, e concordam uns com os outros (Políbio 2.62.4; 5.104; Tucídides 5.31.6; Josefo AJ 10.107; 17.35; 18.375.378). A palavra “divisões” (1,10; 11,18; 12,25) indica o fenômeno de facções e significa uma ruptura no tecido social da comunidade. “Na mesma disposição mental” significa “concordia”, “unidade” e “estabilidade política” em contraste com a desordem civil. O significado de “na mesma disposição mental” é demonstrado pela frase “no mesmo parecer”. Aqueles que têm a mesma opinião são aliados, outra forma de dizer que têm “a mesma disposição mental”⁷.

A declaração de lealdade a diferentes líderes: “Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo” (1,12), pode ser interpretada à luz do batismo que, pelo menos em parte, era motivo de exaltação desses líderes: “Acaso, Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vós ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo? Dou graças [a Deus] porque a nenhum de vós batizei, exceto Crispo e Gaio; para que ninguém diga que fostes batizados em meu nome. Batizei também a casa de Estéfnas; além destes, não me lembro se batizei algum outro” (1,13-16). O batismo era importante e, em Corinto, ele tornou-se um meio de identificação com a pessoa que o realizava, o que poderia ser interpretado como uma forma de patronato, que era a principal forma de relações de poder no Império Romano e permeava todas as esferas da sociedade mediterrânea⁸. Por

⁷ MITCHELL, M. M. *Paul and the Rhetoric of Reconciliation*. An Exegetical Investigation of the Language and Composition of 1 Corinthians. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992, p. 65-80.

⁸ O patronato era um sistema de dependência entre pessoas que se dava de forma vertical entre as camadas horizontais que compunham a sociedade imperial romana e se constituía pela troca recíproca de bens e favores entre pessoas da faixa social inferior e os que estavam acima. No sistema do patronato, o patrono tinha *status* superior e poder e oferecia benefícios aos clientes: apoio material, proteção e influência e prestígio. As pessoas privadas de direitos civis da sociedade romana tinham acesso à esfera política somente através da ligação com um patrono; o cliente devia demonstrar gratidão na forma de lealdade, honras, elogios ou outros favores que o patrão exigisse. As relações estabelecidas no patronato eram verticais e definiam a identidade da pessoa mais do que seus contatos sociais no nível horizontal. O sistema era também um meio importante de legitimar a ordem social e reforçar a ordem e hierarquia existentes. Paulo rejeita o patronato porque pregava o evangelho sobre o livre dom da graça divina, e o fazia gratuitamente. O conteúdo e a forma que ele pregava correspondiam com esse princípio. Ele não queria ficar dependente dos doadores locais, como nas relações de patrono-cliente. Como

isso, Paulo dá graças por não ter batizado a muitos. Ele reluta em admitir que tenha batizado alguém em Corinto e considera o batismo como um marco de entrada na nova vida em Cristo, além de procurar levar a comunidade de volta à sua origem na cruz ao declarar que o conteúdo do evangelho que pregou é “a palavra da cruz”. Ele procura também lembrá-los de que foi em resposta à “palavra da cruz” que eles se tornaram “os que estão sendo salvos” (1,18). A identidade eclesial dos coríntios é uma resposta à “palavra da cruz”⁹. O ato de batizar novos crentes estava ligado à responsabilidade de instruí-los na fé e acompanhá-los em sua organização e formação como igreja; implicaria dedicar-se a um ministério mais duradouro em uma comunidade. Paulo, com sua vida missionária, não poderia se comprometer a caminhar com os novos convertidos, assim, apenas fundava as igrejas e “Apolo regava” (3,6)¹⁰.

As divisões aconteciam porque algumas pessoas estavam mais interessadas nas características dos líderes que veneravam do que na teologia que representavam¹¹. Estas pessoas também se opunham à Paulo. Há, nesse sentido, uma correlação entre estes dois fatores. As críticas apresentadas indicam uma atitude negativa para com Paulo e estão relacionadas com os valores e condutas de pessoas que instigavam a rivalidade que dividia a comunidade¹². Paulo critica a

pregador, ficava livre de ter que agradar alguém ao qual “devia” alguma coisa. LAMPE, Peter. “Paulo, os patronos e os clientes”. In: SAMPLEY, J. Paul (org.). *Paulo no mundo greco-romano: um compêndio*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 429-438; SALLER, Richard P. *Personal Patronage under the Early Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. p. 7-39; CHOW, J. K. *Patronage and Power. A Study of Social Networks in Corinth*. JSNT Sup 75. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1992.

⁹ PASCUZZI, Maria. Baptism-based Allegiance and the Divisions in Corinth: A Reexamination of 1 Corinthians 1:13-17. *The Catholic Biblical Quarterly* 71, p. 813-829, 2009; HORRELL, David G. *Solidarity and Difference. A Contemporary Reading of Paul’s Ethics*. London/New York: T & T Clark International, 2005. p. 103-106; RICE, Joshua. *Paul and Patronage. The Dynamics of Power in 1 Corinthians*. Eugene, OR: Pickwick Publications, 2013. p. 108-109.

¹⁰ FOULKES, Irene. *Problemas Pastorales en Corinto*. SAN JOSE: Editorial DEI, 1996. p. 76.

¹¹ FINNEY, Mark T. *Honour and Conflict in the Ancient World. 1 Corinthians in its Greco-Roman Social Setting*. London: T & T Clark, 2013. p. 78-79.

¹² Paulo foi também duramente julgado por não aceitar sustento dos coríntios ricos que desejavam se tornarem seus patrocinadores na missão. Para ele, aceitar o patronato seria aceitar depender de um modelo de dominação, pelo qual os patronos se orgulhavam, uma vez que quanto mais clientes possuíssem, maior seria o seu lugar de destaque e honra. Paulo inverte esse valor ao recusar tal ajuda e busca viver do

conduta dos coríntios: “Com efeito, se há entre vós invejas e rixas, não sois carnis e não vos comportais de maneira meramente humana?” (3,3). O comportamento que Paulo atribui aos coríntios contradiz a percepção que eles tinham de si mesmos como “espirituais” (3,1) e o seu significado é indicado pela ligação com os *slogans* de cada grupo: “Quando alguém declara: ‘Eu sou de Paulo, e outro diz: ‘Eu sou de Apolo’, não procedeis de maneira meramente humana?” (3,4). As “invejas e rixas” eram sintomáticas de rivalidade centrada em pessoas, sendo um comportamento “meramente humano”. Paulo condena também a “sabedoria do mundo”, na qual os coríntios tanto se orgulhavam; “mundo” é a esfera de existência na qual a sabedoria e esforços humanos falham, pois não alcançam o conhecimento salvador de Deus (1,21).

O comportamento “meramente humano” é definido a partir dos conceitos equivocados dos coríntios sobre o ministério pastoral, especialmente os ministérios de Paulo e de Apolo: “O que é, portanto, Apolo? O que é Paulo? Servidores, pelos quais fostes levados à fé; cada um deles agiu segundo os dons que o Senhor lhe concedeu” (3,5). A forma como Paulo avalia os acontecimentos na igreja de Corinto é a declaração de que os coríntios compreendiam erroneamente o que é ministério e “andavam de maneira meramente humana” (3,3). Suas críticas indicam as atitudes e comportamento dos seus oponentes, que causavam rivalidades e divisões na comunidade, além de acusarem-no de não ter a habilidade retórica de um orador grego (1,17; 2,1; 2,4; 3,2; 4,3). As declarações do catálogo de dificuldades (4,11-13) indicam também outras objeções contra Paulo, como sua instabilidade como alguém que “não tinha morada certa” e que “trabalhava com as próprias mãos”. Paulo, contudo, afirma que possui a sabedoria que transmite às pessoas maduras (2,6-16), não contesta a veracidade de outras críticas e, ironicamente, refere-se aos apóstolos como “lixo do mundo” e “escória do universo”.

Os opositores de Paulo valorizavam a sabedoria e a habilidade retórica e menosprezavam a fraqueza que caracterizava o seu ministério. Estas pessoas reivindicavam possuir “sabedoria”, “poder” e “honra” e acusavam-no de não os ter (4,8-10). O contraste apresentado por Paulo: “Somos loucos por causa de Cristo, vós, porém, sois prudentes em Cristo; somos fracos, vós, porém, sois fortes; vós sois bem considerados, nós, porém, somos desprezados”

seu próprio trabalho, o que, na cultura greco-romana, era considerado como uma afronta social quando partia de alguém de nível social baixo. WATSON, Duane F. “Paulo e o gloriar-se”. In: SAMPLEY, J. Paul (org.). *Paulo no mundo greco-romano: um compêndio*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 62.

(4,10) é marcadamente social. “Honra” e “vergonha” eram valores sociais centrais no mundo mediterrâneo, então estas antíteses e as ideias a elas associadas referem-se principalmente ao status social e indicam as atitudes de algumas pessoas para com Paulo e os coríntios de baixo *status* social. Os termos “bem considerados” e “desprezados” se referem aos valores sociais utilizados na comparação. A antítese “fracos-forte” é igualmente social, na medida em que emprega a linguagem que indicava o *status* e o valor das pessoas em seu contexto social¹³.

A avaliação social que estas antíteses expressam está relacionada com o retrato irônico que Paulo faz dos coríntios ao compará-los consigo: “Vós já estais saciados! Já estais ricos! Sem nós, vós vos tornastes reis! Oxalá, de fato, vós tivésseis tornado reis, para que nós também pudéssemos reinar convosco” (4,8). “Estais saciados”, “estais ricos” e “sem nós vos tornastes reis” indica o comportamento típico de pessoas cujo elitismo baseava-se na sua posição social¹⁴. As ideias de “saciedade”, “riqueza” e “poder”, presentes no texto, formavam uma tríade dos termos mais comuns associados à *hybris* (“descomedimento”, “arrogância”)¹⁵. A *hybris* estava também ligada à ideia de honra e vergonha, outro paradigma que governava a vida das pessoas no mundo greco-romano,

¹³ MARSHALL, Peter. *Enmity in Corinth*. Social Conventions in Paul’s Relations with the Corinthians. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1987. p. 210; PICKETT, 1997, p. 43-44.

¹⁴ MARSHALL, 1987, p. 194-202; WELBORN, L. L. On the Discord in Corinth: 1 Corinthians 1-4 and Ancient Politics. *Journal of Biblical Literature* 106, p. 83-113, 1987.

¹⁵ Em Aristóteles, o conceito de *hybris* inclui a noção de “superioridade” e envolve uma quebra de status, um insulto ou desonra à outra pessoa. Há uma relação de causa e efeito entre os esforços da *hybris* para envergonhar e desonrar a vítima e a “discórdia social”, que é consequência dessa conduta: “Quem desdenha despreza (pois despreza-se tudo o que se julga não ter valor; precisamente o que não tem valor é o que inspira desprezo), da mesma forma que, quando se rebaixa alguém, se mostra claramente desdém por ele. [...] Da mesma forma, quem ultraja despreza. Consiste o ultraje em fazer e me dizer coisas que possam fazer sentir vergonha a quem as sofre não porque haja outro interesse além do facto em si, mas por mero prazer. [...] Aquilo que causa prazer aos que ultrajam é o facto de eles pensarem que o exercício do mal os torna superiores. [...] A desonra é inerente ao ultraje, e desonrar é desprezar, porque aquilo que não tem qualquer valor também não merece qualquer estima, nem para o bem, nem para o mal. Assim, Aquiles, irado, diz: ‘desonrou-me, pois arrebatou-me e ficou com a minha recompensa’ (II 1.356) e ‘como a um privado de honra (II 9.648), como se por causa disso ficasse cheio de ira conserva’ (*Retórica* 1378b 23-35).

independentemente de seu nível na esfera social. No ambiente do mundo mediterrâneo, no qual a honra era alcançada “sobressaindo-se acima dos outros socialmente, as pessoas faziam tudo que estivesse à disposição para obter a honra, evitando ao máximo situações que as levassem à vergonha. Havia disputas por poder social, político e econômico entre os grupos que compunham a elite, nas quais os mais pobres já haviam sido vencidos e não participavam, pelo fato de serem considerados como “inferiores”¹⁶.

A correspondência entre riqueza e conduta excessiva característica da tradição da *hybris* ajuda a esclarecer não apenas as causas sociais dos conflitos na comunidade, mas também os ataques a Paulo. Paulo era considerado socialmente inferior por uma minoria rica e poderosa, cujo comportamento é apresentado como arrogante. Os coríntios que se ensoberbeciam tinham uma participação significativa na rivalidade centralizada em pessoas que dividia a comunidade e nas críticas feitas a Paulo. Estas críticas e os conflitos apresentados são resultado da preferência por uma liderança que melhor exemplificava as qualidades da sabedoria, poder e honra, os valores sociais que determinavam a forma como esse grupo se relacionava com ele e outros líderes cristãos. As facções eram demarcadas pela associação com as personalidades envolvidas e os valores utilizados na avaliação destes líderes eram a causa da discórdia na comunidade¹⁷.

Paulo, contudo, denuncia a sabedoria utilizada como critério de avaliação do ministério (3,5-4,5) como “sabedoria deste mundo”, sendo revelador o destaque dado a esta sabedoria como algo que “pode esvaziar a cruz de Cristo do seu poder” (1,17). Para ele, a sabedoria de Deus é o Cristo crucificado e as críticas que lhe eram feitas envolvem os valores sociais que estão contidos nas antíteses fraqueza/poder, honra-vergonha, sabedoria-loucura¹⁸. A “sabedoria da palavra”, que era a base das acusações feitas a Paulo, indica uma consciência exaltada que considerava a declarada superioridade de algumas pessoas da comunidade como espiritualidade; a “discórdia social” existente era resultado da presença de grupos rivais que “se orgulhavam uns contra os outros” (4,6; 3,21-22). As críticas feitas a

¹⁶ MARSHALL, 1987, p. 209; JEWETT, Robert. “Paulo, a vergonha e a honra”. In: SAMPLEY, J. Paul (org.). *Paulo no mundo greco-romano: um compêndio*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 487-488.

¹⁷ PICKETT, 1997, p. 45-47. Cf. CLARKE, Andrew. *Secular and Christian Leadership in Corinth*. A Socio-Historical and Exegetical Study of 1 Corinthians 1-6. Eugene, OR: Wipf & Stock Publishers, 2006.

¹⁸ PICKETT, 1997, p. 56-57.

Paulo, que indicam uma atitude arrogante inseparável da posição social de algumas pessoas, reflete-se nos verbos “orgulhar-se” (1,29,31; 3,21; 4,7; 5,6) e “ensoberbecer-se” (4,6.18-19), e a declaração “não ir além do que está escrito” (4,6) tem como alvo as pessoas que tinham excedido os limites do próprio conhecimento: “Pois quem te distingue? Que possuis que não tenhas recebido? E, se recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido? (4,7). A arrogância e conduta que a acompanhava eram comuns à situação descrita em 1Cor 1-4. Esta atitude, cuja origem eram os valores sociais sustentados por uma minoria que pertencia ou aspirava pertencer aos estratos sociais mais elevados da sociedade, explica também a presença das exortações: “Ninguém procure nos homens motivo de orgulho (3,21), e “Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor” (1,31)¹⁹.

2. “[...] a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus” (1,18)

A “palavra da cruz” era o centro da pregação de Paulo e seu objetivo era estabelecê-la como base da vida comunitária²⁰. Como estava preocupado com a rivalidade centralizada em pessoas que ameaçava a unidade da comunidade, ele procura solucionar este problema ao apresentar a “palavra da cruz” (1,18-25), uma sinédoque da narrativa do evangelho na sua totalidade, que inclui a morte e ressurreição de Cristo e estabelece “uma nova forma de ser no mundo”²¹. Por essa razão, ao apresentar a “palavra da cruz, isto é, a “sabedoria de Deus”, em resposta aos problemas de divisão na igreja de Corinto, Paulo apresenta o contraste entre duas formas de compreendê-la: uma forma, como ele a compreende, é revelada na cruz de Cristo; a outra forma, como algumas pessoas de Corinto a

¹⁹ MARSHALL, 1987, p. 190-195; KWON, OH-Young. *1 Corinthians 1-4. Reconstructing its Rhetorical and Social Situation and Re-Reading it Cross-Culturally for Korean-Confucian Christians Today*. Eugene, OR: WIPF & STOCK, 2010. p. 142-150.

²⁰ PICKETT, 1997, p. 57-58.

²¹ MITCHELL, M. M. “Rhetorical Shortland in Pauline Argumentation: The Functions of the ‘Gospel’ in the Corinthian Correspondence”. In: *Gospel in Paul. Studies in Corinthians, Galatians and Romans for Richard N. Longenecker*. Edited by Jervis, L. Ann & Richardson P. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1994. p. 70; BROWN, Alexandra R. *The Cross and Human Transformation: Paul’s Apocalyptic Word in 1 Corinthians*. Minneapolis: Fortress, 1995. p. 12.

viam, era mais a eloquência humana, adquirida por meio do treinamento retórico, incluindo a apresentação pública do orador. O tema da sabedoria tem um papel relevante no discurso de Paulo, pois para ele as pessoas que estavam envolvidas nas divisões tinham adotado o *modus operandi* da “sabedoria deste mundo”.

No contexto social greco-romano, a compreensão de “sabedoria” que os coríntios estavam acolhendo referia-se tanto à posse de um conhecimento exaltado quanto à habilidade de expressar aquele conhecimento numa forma eloquente e poderosa. Estes valores precisavam ser avaliados da perspectiva da palavra da cruz. Para persuadi-los a mudar estes valores, Paulo apela à narrativa das origens da comunidade: a mensagem que ele lhes proclamou quando a comunidade foi fundada: “Jesus Cristo, e este crucificado”. Paulo dependia da proclamação da cruz para anunciar a transformação dos seus ouvintes. Para ele, a “palavra da cruz” tem um poder escatológico crítico que conduz aqueles que nela creem à nova criação de Deus representada na cruz²². A cruz inaugura uma “nova era” e a “loucura da cruz” pertence, agora, à forma de pensar dos “que estão sendo destruídos” (1,18). A expressão “os que estão sendo salvos”, e Paulo inclui a si mesmo neste grupo (2Cor 2,15), indica o tema central da identidade cristã. A conexão com os grupos que compunham a comunidade é significativa, pois a situação retórica envolvida conecta a sabedoria com as divisões (1,11-13) e status social (1,26-28)²³.

“Sabedoria”, “status social e poder”, “honra” eram valores bastante apreciados pelos coríntios. Estes fatores podem ser explicados socialmente, mas o problema envolve também a compreensão da “palavra da cruz”. Nesse sentido, é preciso compreender o significado da cruz de Cristo, um aspecto que se reflete na questão central que Paulo apresenta: “Acaso o Cristo está dividido? Porventura foi Paulo crucificado em favor de vós? Foi acaso em nome de Paulo que fostes batizados? (1,13). A resposta de Paulo aos valores do *milieu* cultural dos coríntios parte da perspectiva da cruz. Ele destaca os temas sabedoria e loucura, fraqueza e poder devido a visões diametralmente opostas sobre este tema em Corinto. O seu

²² THISELTON, Anthony C. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, W. B. E. Publishing Co., 2000. p. 156-157; GORMAN, Michael J. *Cruciformity, Paul's Narrative Spirituality of the Cross*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001. p. 102-107.

²³ FIORENZA, Elisabeth S. Rhetorical Situation and Historical Reconstruction in 1 Corinthians. *New Testament Studies*, vol. 33, p. 386-403, 1987, POGOLOFF, Stephen M. *Logos and Sophia*. Atlanta: Scholars Press, 1992. p. 71-95; SHI, Wenhua. *Pau's Message of the Cross as Body Language*. WUNT. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009. p. 88-89.

argumento é teológico, mas a crise dos coríntios tinha raízes na sua realidade social. Paulo, então, procura inverter o *ethos* social das pessoas envolvidas nas divisões. A sua aproximação retórica, embora paradoxal, é compreensível²⁴.

A “palavra da cruz” revela o poder cruciforme de Deus, cujo *modus operandi* nela se manifesta. Ela indica o destino dos que “estão a caminho da ruína” e dos que “estão sendo salvos”. Paulo justifica esta declaração apelando à autoridade das Escrituras Judaicas, importante marca da sua *inventio* retórica. A citação de LXX Is 29,14 em 1,19, extraída de um oráculo de julgamento contra Jerusalém, indica que a sabedoria dos conselheiros que haviam orientado o rei a confiar no apoio militar do Egito seria reduzida a nada. Paulo substitui o verbo “ocultarei” do oráculo profético por “anularei”, ficando o seu texto da seguinte forma: “Destruirei a sabedoria dos sábios, e a inteligência dos entendidos *anularei*”²⁵. Com isso, ele fundamenta a declaração de que o que Deus realizou na sua sabedoria, a cruz de Cristo, desafia a compreensão que se baseia nos padrões da “sabedoria deste mundo” (1,21). A promessa da Escritura ressignificada por Paulo torna-se explícita na declaração do que significa a “sabedoria de Deus”: “o mundo não conheceu a Deus por meio da sabedoria”, então “pareceu bem a Deus salvar os que creem por meio da loucura da pregação” (1,21), isto é, nós, Paulo e seus destinatários, “os que estão sendo salvos” (1,18b). A “sabedoria deste mundo” e a “palavra da cruz” são apresentadas antiteticamente. A contraparte positiva à “sabedoria deste mundo” que Deus promete destruir e anular está explícita na declaração de Paulo de que o Cristo crucificado, o Cristo da “palavra da cruz” (1,18), é “poder e sabedoria de Deus” (1,24).

A “palavra da cruz” é o poder que, de acordo com a citação da Escritura, destruirá “a sabedoria do sábio”. Esta destruição é indicada por três perguntas retóricas: “Onde está o sábio? Onde o escriba? Onde o inquiridor deste século?” (1,20a), por meio das quais Paulo convida os coríntios a perceber qual é o destino da “sabedoria deste mundo” à luz da ação salvadora de Deus na cruz de Jesus, o Messias²⁶.

²⁴ SHI, 2009, p. 82-84.

²⁵ COLLINS, Raymond F. *1 Corinthians*. Sacra Pagina Series. Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press, 1999. p. 94-95; HEIL, John Paul Heil, *The Rhetorical Role of Scripture in 1 Corinthians*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005. p. 17-19.

²⁶ “Having announced in 1,19, the apocalyptic fulfillment of God’s promise to ‘destroy the wisdom of the wise’ and thwart ‘the discernment of the discerning’ (Isa 29,14), and having taunted the wise man, the scribe, the debater of ‘this age’ in the

As designações “sábio”, “escriba”, “inquiridor” designam o âmbito geral da sabedoria humana, uma perspectiva que é apoiada pela referência à “sabedoria do mundo” da questão retórica: “Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?” (1,20b). Deus substitui a sabedoria humana da presente ordem por outro tipo de sabedoria, a “palavra da cruz”. A ordem atual da “sabedoria deste mundo” está sendo anulada pela iniciativa divina. O “sábio”, o “escriba”, o “inquiridor deste século” não têm mais lugar na nova era inaugurada pela crucificação de Cristo. Nessa estrutura de pensamento, os contrastes apocalípticos do pensamento paulino expressam a realidade do que significa a diferença entre estas duas ordens de mundo²⁷. A promessa da Escritura se atualiza (1,19): Deus destrói, no coração da sua sofisticação, a sabedoria “deste mundo”, representada pelo sábio, escriba e inquiridor “deste século” (1,20a) ao torná-la loucura. “Sábio”, “escriba” e “inquiridor” tornam-se “os que estão a caminho da perdição” (1,18), isto é, aqueles que estão a caminho da destruição escatológica que Deus realizará no julgamento final²⁸.

Como a identificação com diferentes figuras de autoridade era uma das causas principais das divisões da igreja de Corinto, a crítica de Paulo ao seu comportamento (3,3) e a exortação que ele lhes dirigiu para andar de acordo com o seu exemplo (4,6.16-17) deixam claro que estas disputas ultrapassavam a lealdade pessoal. As pessoas envolvidas nas disputas se ensoberbeciam, “tomando o partido de um contra o outro” (4,6). Paulo, contudo, desafia o sistema de valores que fundamenta este tipo de comportamento. Ele amplia a discussão do

light of this, Paul asks in v. 20b, οὐχὶ ἐμώρανεν ὁ θεὸς τὴν σοφίαν τοῦ κόσμου; ‘Has not God made foolish the wisdom of the world?’ The genitive τοῦ κόσμου indicates belonging: God has nullified the wisdom which is possessed by the world. (...) With ἐμώρανεν Paul indicates that God has actively made the wisdom of the world to appear foolishness. God has turned the world’s wisdom into its very antithesis, foolishness. (...) God’s mockery of the world and its wisdom corresponds to the destruction (ἀπολῶ) of the wisdom of the wise, as predicted by Isaiah. The thought is thoroughly apocalyptic. In the event of the cross, God has initiated the change of the ages. The old world/age, the κόσμος, has been judged and condemned. Its wisdom has been destroyed, cast aside and ridiculed”. ADAMS, Edward. *Constructing the World. A Study in Paul’s Cosmological Language*. Edinburgh: T & T Clark, 2000. p. 111-112. Cf. POGOLOFF, 1992, p. 126-127; 153-158; THISELTON, 2000, p. 162-164.

²⁷ THISELTON, 2000, p. 164-165; POGOLOFF, 1992, p. 158; PICKETT, 1997, p. 63-64.

²⁸ HEIL, 2005, p. 32; FEE, Gordon D. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids (Michigan): W. B. E. Publishing Company, 1984. p. 71.

problema ao apresentar o fundamento e origem da identidade cristã, além de confrontar os coríntios com as consequências das divisões. Para ele, a vocação dos coríntios não era resultado da sua identificação com Paulo ou Apolo, mas consequência da morte de Cristo em seu favor (1,13)²⁹. Foi em resposta à “palavra da cruz” que eles se tornaram “os que se salvam”, em oposição a “os que se perdem” (1,18). A distinção entre estes dois tipos de pessoas atualiza o efeito da sua pregação sobre a cruz, acentuando o seu significado para a comunidade: a identidade eclesial dos coríntios é uma resposta à “palavra da cruz”, isto é, o evento da morte de Cristo é o fundamento da sua existência. Nesse sentido, a incompatibilidade entre fé e conduta refletida em 1Cor 1-4 pode ser vista como uma tensão que resulta da vivência em dois mundos polarizados. Esta tensão era elevada para os coríntios de *status* social elevado, ou seja, “sábios, poderosos e de nobre nascimento” segundo a “sabedoria deste mundo” (1,26; 4,8.10)³⁰.

Paulo indica a discrepância entre a identidade cristã e a identificação com a “sabedoria do mundo”: “Quanto a mim, irmãos, não vos pude falar como a homens espirituais, mas somente como a homens carnis” (3,1). “Homens carnis” qualifica pessoas cuja existência não é determinada por Deus, mas por suas próprias considerações, que superestimam a autonomia humana e subestimam a influência dos mundos sociais. O cristão recebe o “Espírito que vem de Deus, não o espírito deste mundo” (2,12). “Espírito do mundo” é sinônimo de “sabedoria do mundo” (3,19). Ser sábio segundo o mundo significa ser guiado pelos valores que constituem a sua sabedoria. Quem recebe o Espírito de Deus entende que o recebe de Deus e, importante para os objetivos de Paulo, “julga todas as coisas e por ninguém é julgado” (2,15). O “homem natural”, ao contrário, rejeita “o que vem do Espírito de Deus” (2,14). Paulo, portanto, estabelece uma distinção entre dois modos de perceber e de julgar: um deles resulta do recebimento do “Espírito de Deus”; o outro é ditado pelo “espírito do mundo”. O mundo que se opõe a Deus é um mundo social real; “espírito do mundo”, de algum modo, refere-se aos valores que governam os julgamentos e atitudes das pessoas que pertencem ao mundo³¹.

A “sabedoria do mundo” opõe-se também a Deus. “Sabedoria do mundo” é a forma de olhar as coisas a partir das condições éticas e sociais característica desta esfera particular. Não é conhecimento,

²⁹ PICKETT, 1997, p. 60.

³⁰ PICKETT, 1997, p. 61-62.

³¹ PICKETT, 1997, p. 63-64.

mas atitude, a qual Paulo desencoraja, pois “o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus” (1,21). Os judeus e gregos buscam uma prova da verdade divina, e o que torna sua atitude “deste mundo” é que esperam que Deus se submeta aos seus critérios: “Os judeus pedem sinais, e os gregos andam em busca da sabedoria” (1,22). Deus rejeita a sabedoria do mundo porque o conhecimento de Deus, inerente ao ser humano, torna-se pervertido, pois as pessoas pensam que são capazes de domesticá-lo, capturá-lo em imagens de criaturas (Rm 1,18-25). O problema não é apenas a imposição destes critérios a Deus, mas o fato de que são critérios da “sabedoria do mundo”. Os cristãos de corinto foram “chamados”, não estavam implicados nas críticas negativas dirigidas ao mundo e sua incapacidade em conhecer o Deus que se revela na cruz (1,19-21), mas alguns deles eram ainda “homens carnis” (3,1), comportavam-se de “maneira meramente humana” (3,3) e eram guiados pela “sabedoria do mundo”. Eles conheceram o Cristo crucificado como poder de Deus, mas suas atitudes eram influenciadas pelos valores de uma cultura que via a cruz como fraqueza e loucura³².

Paulo procura preservar o “escândalo da cruz”, então não é difícil imaginar o desconforto experimentado pela elite social da comunidade cristã de Corinto que se localizava entre os poderosos, numa sociedade em que a crença num Messias era vista como contradição. Os efeitos da derrubada dos valores do mundo são evidentes na composição da comunidade cristã (1,26-31). Há uma correlação entre a manifestação na cruz da sabedoria e do poder de Deus, ou loucura e fraqueza de Deus (1,25), e a estrutura social da igreja de Corinto (1,26). O lugar social da maior parte dos cristãos de Corinto comprovava o anúncio de Paulo da palavra da cruz. A estratificação social da comunidade agravava as dissensões na comunidade cristã e o texto procura legitimar teologicamente uma comunidade composta majoritariamente por pessoas socialmente inferiores em comparação com os poucos coríntios cristãos de *status* social elevado³³. De fato, as pessoas que a sociedade e o mundo consideram como “nada” são os representantes da sabedoria que se manifesta no Cristo crucificado.

³² CONZELMANN, Hans. *1 Corinthians*. Philadelphia: Fortress Press, 1975. p. 43-44; LAMPE, Peter. Theological Wisdom and the Word about the Cross: The Rhetorical Scheme in 1 Corinthians 1-4. *Interpretation* 44, p. 117-131, 1990; FEE, 1984, p. 72-74.

³³ THEISSEN, Gerd. “Os fortes e os fracos em Corinto. Análise sociológica de uma briga teológica”. In: *Sociologia da Cristandade Primitiva*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1987. p. 133-147.

No contexto das tensões sociais da comunidade, Paulo declara que Deus escolheu as “coisas loucas” e “as coisas fracas” não apenas para salvá-las, mas para “envergonhar” os “sábios” e “fortes”: “Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar os fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são” (1,27-28). A função crítica da teologia da cruz é relevante e a especificidade da descrição social de 1,26 indica que esta mensagem é incisiva para os poucos coríntios “sábios” e “fortes”, não havendo dúvidas de que eles entenderiam a força destas afirmações. Ademais, a atitude “meramente humana” que caracterizava sua conduta indica também ironia da parte de Paulo. Algumas pessoas procuravam envergonhar e desonrar os membros da comunidade que consideravam socialmente inferiores, mas Paulo inverteu a situação ao afirmar que os “sábios” e “fortes” segundo os padrões da sabedoria do mundo são envergonhados pelo próprio Deus. A ironia é ainda maior quando o leitor percebe que a cruz, considerada símbolo de vergonha e desonra, torna-se o meio para envergonhar as próprias pessoas que a desprezavam³⁴.

A comunidade cristã foi formada pela “palavra da cruz”. Consequentemente, sua composição social significa a anulação da sabedoria e poder, pois Deus envergonha o “sábio” e o “forte” deste mundo. Paulo confronta os cristãos “sábios” e “fortes” que agiam “de maneira meramente humana” com as implicações sociais da cruz. Para ele, as atitudes deste grupo que se considerava superior segundo os valores da “sabedoria do mundo” eram a causa da discórdia na comunidade³⁵. A apresentação da teologia da cruz diz respeito à arrogância deste grupo, sendo o seu efeito expresso na declaração: “a fim de que nenhuma criatura possa vangloriar-se diante de Deus” (1,29). Esta declaração indica a consequência última da ação de Deus: “Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; e, o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é” (” (1,27-28), a qual é reiterada na advertência: “Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor” (1,31). Deus revela sua sabedoria e poder na cruz de Cristo e escolhe a fraqueza e loucura do mundo, destruindo todos os fundamentos do

³⁴ PICKETT, 1997, 72-73; THISELTON, 2000, p. 183-190.

³⁵ MARSHALL, 1987, p. 187.

orgulho humano, especialmente os valores que constituíam a base da arrogância dos coríntios³⁶.

3. “E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós” (2,3)

A proclamação do evangelho por Paulo em Corinto provocou a avaliação negativa dos seus críticos, que afirmavam que sua presença corporal era fraca e seu discurso desprezível: “As cartas, dizem, são severas e enérgicas, mas ele, uma vez presente, é homem fraco e sua linguagem desprezível” (2Cor 10,10)³⁷. Essas pessoas consideravam a habilidade retórica e a eloquência como sinais de educação, riqueza e status social elevado. Elas possuíam riqueza e status social elevado, tinham relações com os cidadãos romanos das diversas associações da comunidade cívica maior e consideravam a “sabedoria” e a “sabedoria da palavra” como convenções sociais e culturais. Após a partida de Paulo de Corinto, elas introduziram a sua compreensão de sabedoria e eloquência na comunidade cristã. Ao valorizar mais a herança retórica ligada à sabedoria e eloquência como modelo cultural e não o modelo de Cristo, elas subestimavam Paulo, pois achavam que ele não seguia os padrões de riqueza estabelecidos e, tampouco, utilizava a eloquência retórica ao proclamar o evangelho. Paulo era visto por estas pessoas como alguém que não tinha a habilidade retórica dos oradores contemporâneos.

Paulo, contudo, endossa sua fraqueza e deficiência retóricas, guiado por suas convicções teológicas e pela necessidade de defender-se. Ele reconhece que é “inábil no falar” (11,6) e, em 1Cor 2,1-5, lida com pessoas cuja crítica e desapontamento com ele estavam relacionados mais com a forma de apresentação da mensagem e da sua aparência, não com a mensagem que anunciava³⁸. Nesse texto, Paulo subverte este aspecto que era central na tradição retórica, endossa sua fraqueza e deficiência retóricas guiado por suas convicções teológicas e necessidade de defender-se, aceita as características de uma pessoa socialmente inferior segundo os padrões vigentes e rejeita o discurso considerado eloquente (2,1.4).

³⁶ PICKETT, 1997, p. 74; FEE, 1984, p. 84-88.

³⁷ MIHAILA, Corin. *The Paul-Apollos Relationship and Pal's Stance Toward Greco-Roman Rhetoric*. Edinburgh: T & T Clark, 2009. p. 123-126.

³⁸ SHI, 2009, p. 155-156.

Para ele, o prestígio social que era associado à eloquência retórica não combina com a “demonstração do Espírito e poder” (1,17; 2,5)³⁹.

Nesse sentido, a apresentação do poder de Deus em oposição à eloquência retórica revela a percepção de Paulo do ponto crítico dos “ciúmes” e “contendas” existentes na igreja de Corinto⁴⁰. Ao afirmar que anunciou o evangelho em Corinto “não com o prestígio da palavra ou da sabedoria” (2,1), Paulo dá continuidade à mensagem sobre a relação entre a “sabedoria de Deus”, isto é, a “palavra da cruz”, e a “sabedoria deste mundo”, além de demonstrar a sua determinação de proclamar o evangelho não com “palavras persuasivas de sabedoria” (2,4-5). Há uma correspondência entre o conteúdo da pregação: “Jesus Cristo, e este crucificado” (2,2), e a estrutura social da igreja de Corinto (1,26-31), e entre o conteúdo e a forma da pregação, incluindo a conduta de Paulo: “Estive entre vós cheio de fraqueza, receio e tremor; minha palavra e minha pregação nada tinham da persuasiva linguagem da sabedoria, mas eram uma demonstração de Espírito e poder” (2,3-4). Paulo adota a postura de uma pessoa fraca, que não atendia aos padrões de excelência retórica. Ele agiu desta forma para que a fé dos coríntios estivesse “não na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus” (2,5).

Paulo entendia a sua existência apostólica à luz da cruz: “trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus, a fim de que a vida de Jesus seja também manifestada em nosso corpo” (2Cor 4,10). Ele preocupa-se com o seu ministério apenas na medida em que ele se refere à discórdia na comunidade. A discórdia era resultado do “orgulhar-se em homens”, razão pela qual ele procura invalidar todo fundamento do gloriar-se (1,29-31). Os poucos cristãos “sábios”, “poderosos” e de “família prestigiosa” mediam o seu próprio valor e dos outros líderes à luz dos padrões de prestígio greco-romanos, considerando-se superiores. Paulo destaca sua fraqueza e discurso inexpressivo, sinais de falta de *status* na sociedade greco-romana. A inversão das expectativas sociais e culturais envolvidas nesta descrição do caráter, apostolado e estilo da sua pregação combina com a subversão das expectativas humanas e julgamentos que Deus realiza na cruz de Cristo (1,18-25)⁴¹.

A elite social da comunidade de Corinto igualava a experiência do poder de Deus com a exibição de poder social, em especial sua expressão na eloquência retórica. Eles concebiam as qualidades de

³⁹ LIM, T. Not in Persuasive Words of Wisdom, but in Demonstration of the Spirit and Power. *Novum Testamentum* 29.2, p. 137-149, 1987; PICKETT, 1997, p. 75.

⁴⁰ CONZELMANN, 1975, p. 53-54; FEE, 1984, p. 94-97.

⁴¹ PICKETT, 1997, p. 76.

uma pessoa culta e retoricamente hábil como evidência de superioridade espiritual. Paulo demonstra que essa forma de pensar é nula e vazia e lembra aos coríntios que seu rebaixamento e estilo inexpressivo eram a forma de Deus manifestar o seu poder: “Minha palavra e minha pregação nada tinham da persuasiva linguagem da sabedoria, mas eram uma demonstração de Espírito e poder” (2,4). Ele afirma também que esteve em Corinto “em fraqueza, temor e grande tremor” (2,3). Paulo era um mensageiro do evangelho da salvação especialmente comissionado, então é natural e compreensível que ele tivesse um profundo sentimento de “temor e tremor” que derivava da natureza de sua tarefa. Quem proclama o “Crucificado” não pode ter a segurança de um mestre que anuncia a sabedoria humana. Ele era visto como tolo (2Cor 11,16; 12,6.11), mas sempre proclamava o Crucificado “em temor e grande tremor”⁴².

O anúncio do “Cristo crucificado” (1Cor 2,2) e a forma da sua proclamação oferecem também amplas razões para o “temor” e o “tremor” de Paulo, razão pela qual ele lembra aos coríntios que o real poder não está na pessoa ou apresentação do pregador, mas na obra do Espírito. Paulo afirma que a sua pregação não aconteceu com “exaltação de linguagem ou sabedoria” (2,1) e que não utilizou “palavras persuasivas de sabedoria”: “E a minha palavra e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria para que a vossa fé estivesse não na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus” (2,4-5). Diferentemente dos coríntios que associavam a sabedoria ao poder, Paulo associa a sabedoria à proclamação do “Cristo crucificado” (1,21; 2,2)⁴³. Paulo evita a persuasão da sabedoria que fascinava os coríntios. O que acompanhava a sua pregação era a “demonstração do Espírito e poder” e os coríntios creram na “palavra da cruz” por meio da sua pregação. “Poder” era também o que os coríntios, especialmente os críticos de Paulo, afirmavam possuir. Embora o poder e autoridade de Paulo estivessem sendo contestados

⁴² SHI, 2009, 165-166.

⁴³ “The cross itself has an eschatological critical function which, while it does not usurp God’s judgment in irrevocable fashion, anticipates and perhaps even determines it. It is this critical function, this ‘power’ of the word of the cross, which is in danger of being vitiated, according to the v. 17. The polemical thrust of this idea touches on the ‘judging’ tendency in Corinth. Paul is at pains to make the cross the very focus of the gospel on Corinth: ‘I decided to know nothing among you except Jesus Christ and him crucified’ (2,2; cf. 1:23). The phrase is not merely a designation of the Christian preaching in general, but is chosen to single out that element within the preaching on which Paul’s argument with the Corinthians turns”. SCHÜTZ, John Howard. *Paul and the Anatomy of Apostolic Authority* (Louisville & London: Westminster John Knox Press, 2007. p. 192-193.

em Corinto, a sua preocupação primária era com o poder e a autoridade de Deus (1,17-18.24-25; 2,4-5)⁴⁴. Junto com o conceito de poder, Paulo utiliza também a palavra “demonstração”, outra palavra importante da tradição retórica greco-romana que era utilizada como um meio de prova numa argumentação⁴⁵. A palavra “demonstração”, junto com “Espírito e poder”, assume um sentido contrário ao significado retórico que lhe era atribuído. A “palavra” e a “pregação” de Paulo envolvem a convicção divina do “Espírito e poder” (1Cor 4,20). Para ele, a proclamação da “palavra da cruz” não poderia ficar simplesmente reduzida a “palavras plausíveis de sabedoria”⁴⁶.

As divisões na igreja em Corinto envolviam uma luta pelo “poder”. Ter um lugar proeminente e glória social dependia da aquisição de poder e da sua manutenção na sociedade greco-romana. Nesse sentido, “demonstração do Espírito e poder” diz muito sobre o problema em Corinto, bem como os conflitos de Paulo com seus críticos. A “sabedoria humana” (1,17) e as “palavras elevadas ou sabedoria” nada eram, a menos que pudessem ser demonstradas com o poder real. Parece até mesmo, a julgar pelo tom geral da correspondência de Paulo com os coríntios, que ele não acreditava realmente que os seus críticos tivessem tanto poder quanto afirmavam ou imaginavam ter. Em 1Cor 4,18-20, onde o poder é apresentado num contexto polêmico, somos tentados a pensar que

⁴⁴ THISELTON, 2000, p. 222, declara: “*Power* is regularly associated with God’s effective *action* and *reality* in contrast to mere ‘words’. Paul speaks of the *effectiveness* of the Spirit’s witness to his own *effective* work. Moreover, as becomes clear from 2:16-3:4, Spirit, in turn, is defined Christologically: he points beyond himself to God’s work in Christ, even if the presence of the self-effacing Spirit thereby *becomes transparent* as a by-product of the Spirit’s work”.

⁴⁵ WITHERINGTON III, Ben. *Conflict & Community*. A Socio-Rhetorical Commentary on 1 and 2 Corinthians. Grand Rapids, Michigan, William B. E. Publishing Company, 2002, 1995, p. 125, afirma: “This brings us to the crucial word *apodeixis* in v. 4, a technical rhetorical term that Quintilian says refers to ‘a clear proof’, ‘a means of proving what is not certain by means of what is certain’ (*Inst. Or.* 5.10.7). Cicero defines it as a ‘logical proof’ (*Academia* 2,8). If we bear in mind that the standard definition of rhetoric in Quintilian’s day was the *dynamis* (“power”) of persuasion (*Inst. Or.* 2.15.2-4) and that Dio Chrysostom refers to the gift of eloquence as *dynamis* (33.3), this passage becomes clear. Paul says that the ‘proof’ he offered of the truth of the gospel about Christ crucified was not in the form of rhetorical proofs, but came from the experiential proof that the powerful Spirit has changed the Corinthians’ lives when he preached. Because of this the faith would not be in power of human rhetoric or wisdom but in the power of God (2Cor 12:12). This spiritual ‘proof’ also proved that Paul was a genuine agent of Christ”.

⁴⁶ LIM, 1987, p. 147-148.

não havia necessidade de o apóstolo descobrir se “as pessoas arrogantes” tinham ou não “poder”: “Mas se o Senhor o permitir, em breve irei ter convosco, e tomarei conhecimento não das palavras dos orgulhosos, mas do seu poder” (4,20). O tom de Paulo parece indicar que ele não acreditava que os orgulhosos tinham poder! Ironicamente, Paulo identificou a “palavra” como um dos “dons” que os coríntios receberam (1,7), mas é igualmente irônico o fato de que esse dom pudesse causar tantos problemas na igreja de Corinto.

Para Paulo, o poder de Deus mediado pela cruz é o ponto central da discussão. O conflito entre o poder e a sabedoria de Deus, isto é, o “Cristo crucificado”, é mencionado no final da unidade: “Mas, se o Senhor o permitir, em breve irei ter convosco, e tomarei conhecimento não das palavras dos orgulhosos, mas do seu poder. Pois o Reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder” (4,19-20). Embora haja um contraste entre a revelação do poder de Deus manifestado na cruz e a manifestação do poder social associado à “sabedoria da palavra”, Paulo estava interessado nos efeitos da manifestação do poder deste mundo e do poder divino na comunidade. Os coríntios tinham experimentado o poder de Deus quando foram incorporados na comunidade cristã, mas sua orientação ao poder no sentido de *status* segundo os padrões da sabedoria deste mundo tinha consequências destrutivas. A estrutura social da comunidade demonstrava o poder criador de Deus, mas as dissensões manifestavam o efeito prejudicial dos valores da sabedoria do mundo⁴⁷. No entanto, o poder de Deus exercido pela “palavra de cruz” subverte a sabedoria do mundo, representada pelos valores que consideram a cruz como “loucura” e “fraqueza” (1,25). De forma correspondente, a composição social da comunidade e a pregação de Paulo demonstram que Deus rejeita o conceito de *status* associado à “sabedoria deste mundo”. Na forma de ação de Deus, o “orgulhar-se” e “confiar” na “sabedoria dos homens”, que causava “invejas e rixas” entre os coríntios, são deixados de lado. Ao acentuar sua fraqueza e limitação retóricas, Paulo, de fato, rejeita o sistema de *status* que era o fundamento das distinções entre as pessoas na ordem social estabelecida, que causava orgulho e está no centro das disputas na igreja.

Nesse contexto, fica claro a razão pela qual Paulo apresentava o seu apostolado como exemplo para a solução do problema das divisões: “Estas coisas, irmãos, apliquei-as figuradamente a mim mesmo e a Apolo, por vossa causa, para que por nosso exemplo aprendais isto: não ultrapaséis o que está escrito; a fim de que

⁴⁷ PICKETT, 1997, p. 77-78.

ninguém se ensoberbeça a favor de um em detrimento de outro. Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?” (4,6-7). Paulo explicita a importância de seu apostolado ao responder diretamente à arrogância que gerou a desunião e apresentar-se, junto com Apolo, como exemplos de harmonia e humildade (3,5-4,5). Sua exortação é a resposta apropriada à insolência e arrogância dos coríntios e, para atingir sua meta, Paulo relembra aos coríntios os seus “caminhos em Cristo”: “Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores. Por esta causa, vos mandei Timóteo, que é meu filho amado e fiel no Senhor, o qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo Jesus, como, por toda parte, ensino em cada igreja” (4,16-17)⁴⁸. Igualmente, ao introduzir o catálogo de dificuldades (4,9-13) com uma observação irônica sobre o *status* social das pessoas cujo comportamento ele caracteriza como arrogante⁴⁹: “Vós já estais saciados! Já estais ricos! Sem nós, vós vos tornastes reis! Oxalá, de fato, vós tivésseis tornado reis, para que nós também pudéssemos reinar convosco” (4,8), Paulo compara antiteticamente a posição social privilegiada daquelas pessoas com a sua posição como a de alguém socialmente desfavorecido. No início, a comparação afirma que os apóstolos “foram colocados como espetáculo para o mundo” (4,9) e, no final, declara que, do ponto de vista do mundo, eles são desprezados: “Até o momento presente somos considerados como o lixo do mundo, a escória do universo” (4,13). Estas declarações relembram a oposição entre a sabedoria de Deus e a sabedoria do mundo (1,18-25) e indicam que a atitude do mundo para com os apóstolos assemelha-se à sua apreensão da palavra da cruz como loucura. O comportamento arrogante de algumas pessoas em Corinto tinha como base os dois valores da “sabedoria do mundo”⁵⁰.

A fraqueza, a loucura e a desonra simbolizadas pela cruz e desdenhadas pelo mundo são ilustradas na formação social da comunidade e na vida do apóstolo: “Somos loucos por causa de Cristo, vós, porém, sois prudentes em Cristo; somos fracos, vós, porém, sois fortes; vós sois bem considerados, nós, porém, somos desprezados” (4,10). 1Cor 1,26-27 apresenta os poucos coríntios que eram “sábios”, “fortes” e “nobres”, mas 4,11-12a envolve as pessoas que são

⁴⁸ MARSHALL, 1987, p. 205; EHRENSPERGER, Kathy. *Paul and the Dynamics of Power. Communication and Interaction in Early Christian-Movement*. London: T & T Clark International, 2007. p. 137-154.

⁴⁹ MARSHALL, 1987, p. 209-211.

⁵⁰ PICKETT, 1997, p. 81-82.

comparadas com Paulo. Ele identifica também a “pobreza” e o “trabalho com as próprias mãos” como falta de *status* e de honra, destaca o contraste entre sua inferioridade social frente aos coríntios que pertenciam aos estratos superiores e a forma como os apóstolos respondiam aos abusos que lhe eram dirigidos: “Somos perseguidos, e suportamos; somos caluniados, e consolamos. Até o presente somos considerados como o lixo do mundo, a escória do universo” (4,12b-13). Paulo era caluniado porque era socialmente inferior. Há, portanto, um contraste entre a conduta do apóstolo, que combina com seu estado social, e o comportamento de algumas pessoas de Corinto, cuja arrogância os levava a afirmar seus direitos contra os companheiros de fé (6,1-6; 8,1-11,1). Os apóstolos, que são envergonhados e desonrados, recusam-se a revidar e renunciam aos seus direitos⁵¹.

As declarações de 1Cor 4,11-13 demonstram a relação entre a vergonha e a existência apostólica. O tom irônico da passagem sugere que Paulo destaca sua inferioridade social para envergonhar os coríntios que se consideravam superiores. Ele não quer apenas envergonhá-los, mas “admoestá-los como a filhos bem-amados” (4,14). Ele apresenta-se como alguém cuja própria fraqueza incorpora a fraqueza do Cristo crucificado e, de acordo com a teologia da cruz, seu exemplo assume uma função crítica e exortativa. Paulo reprova as pessoas que eram arrogantes, mas seu objetivo principal é apresentar seu ministério como exemplo digno de louvor. O tom de reprovação apresentado antes (4,6) agora se transforma em preocupação paternal. Tendo se referido aos coríntios como “amados filhos”, Paulo lembra aos coríntios que “pelo Evangelho eu vos gerei em Cristo” (4,15), exortando-os a serem seus imitadores (4,16). O termo “pai” é qualificado com a frase “pelo evangelho”, porque a imitação é aquela do evangelho na qual Cristo é proclamado como crucificado (1,23-24; 2,2)⁵². A existência apostólica de Paulo combina com o evangelho que ele anuncia (2,1-4; 4,9-13) e os coríntios deveriam moldar suas vidas de acordo com o seu exemplo. Não é a fraqueza, a desonra, a falta de eloquência retórica, a pobreza e o trabalho com as próprias mãos, indicativos de uma posição social inferior, que constitui os seus “caminhos em Cristo” (4,17), mas o desprezo que envolve seu rebaixamento⁵³. Paulo assume a posição de uma pessoa socialmente desfavorecida, exemplificando a mesma disposição de Cristo que se

⁵¹ MARSHALL, 1987, p. 212.

⁵² EHRENSPERGER,

2007,

p.

117-136.

⁵³ PICKETT, 1997, p. 84.

entregou por toda a humanidade (Fl 2,5-11). A imitação de Paulo pressupõe que os coríntios renunciem ao comportamento arrogante que provoca a exaltação de uns contra outros. Eles deveriam seguir o exemplo de Paulo, abandonando os próprios interesses, para que os problemas de divisão na comunidade cristã fossem resolvidos. Dessa forma, Paulo os visitaria “com amor e em espírito de mansidão, não com o cetro da repreensão” (4,21).

Considerações finais

O discurso de Paulo em 1Cor 1,1-4,21, no qual ele procura resolver os problemas envolvidos nas “divisões” e “partidarismos” na igreja de Corinto, refuta a sabedoria dos coríntios que, para ele, assemelha-se mais à “sabedoria deste mundo” do que à sabedoria de Deus, a “palavra da cruz”. A definição de Paulo da “sabedoria deste mundo” refere-se não somente a especulações religiosas específicas, mas também a normas e valores de política humana que os coríntios reproduziam com o seu partidarismo. De acordo com a sua argumentação, o partidarismo é uma falha humana (“andais segundo os homens” – 3,3), que é indigna da vocação dos coríntios (1,26-31). A “sabedoria deste mundo”, que envolve o conjunto de valores e normas que dividem as pessoas em superiores e inferiores, as separa, prefere a dissensão à unidade e a superioridade à cooperação. Essa sabedoria é, paradoxalmente, tolice. A “palavra da cruz” é a verdadeira sabedoria cristã, a sabedoria de Deus. Nesse sentido, Paulo, parte tanto do querigma cristão quanto do conhecimento político comum, mas estabelece um contraste entre eles. Ele também fundamenta esta exortação com um apelo ao seu próprio exemplo: ele não ensinou aos coríntios a sabedoria humana, mas a sabedoria de Deus (2,1-7). A sabedoria de Deus tem o poder de unir todos os que são chamados, tanto judeus como gregos (1,24; 12,13), encerrando a separação na aceitação comum do escândalo da cruz⁵⁴.

Paulo adotou também a postura de uma pessoa que não se enquadrava nos padrões de excelência retórica quando anunciou a “palavra da cruz” aos coríntios. Ele aceitou as características de uma pessoa considerada socialmente inferior segundo os padrões de honra vigentes e rejeitou anunciar o evangelho “com exaltação de linguagem e sabedoria”, “com palavras persuasivas de sabedoria”, pois considerava impossível combinar prestígio social, associado à eloquência retórica, com a “demonstração do Espírito e poder”, associado à proclamação do “Cristo crucificado”. Paulo preocupa-se

⁵⁴ MITCHELL, 1992, p. 210-212.

com o seu ministério na medida em que se refere à discórdia existente na comunidade. Como a discórdia era resultado do orgulhar-se em homens, a sua tentativa de invalidar os fundamentos de todo o “gloriar-se” (1,29-31) é mais profunda do que parece sugerir o teor geral de suas declarações referentes às pessoas que mediam o seu próprio valor e o valor dos outros líderes cristãos à luz dos padrões de prestígio greco-romanos e consideravam-se superiores aos demais membros da comunidade (1,26-31). Paulo destaca sua fraqueza e discurso inexpressivo, considerados como sinais de baixo status na sociedade greco-romana, mas a inversão das expectativas sociais e culturais envolvidas na descrição do seu caráter, apostolado e estilo de pregação equivale à subversão das expectativas humanas e julgamentos que Deus realiza na cruz de Cristo (1,18-31).

Jesus Cristo é o fundamento da identidade e unidade da comunidade cristã. Cristo e o seu reino são, decididamente, o bem maior. Paulo, então, procura servir a Cristo na construção do seu grupo de seguidores. Como pastor, precisa repreender, incentivar ou disciplinar as comunidades que eram resultado do seu trabalho missionário, mas seu objetivo não é que tais comunidades tornem-se ou façam algo em e por si mesmas, mas realizem o objetivo fundamental de viver em harmonia com Cristo, segundo as exigências do reino de Deus. Para assegurar o crescimento e desenvolvimento da comunidade de fé, Paulo procura tanto fortalecer o seu senso de pertença quanto incentivar a solidariedade e a harmonia em Cristo. Construir solidariedade é desenvolver essas comunidades como unidades coesas fortes, de modo que elas pudessem sobreviver a despeito de todos os tipos de oposição ou mesmo perseguição. A preocupação de Paulo com a unidade e crescimento da comunidade indica como ele queria que ela vivesse de acordo com Jesus Cristo e com as exigências do Evangelho como testemunho e evangelização.

Referências

- ADAMS, Edward. *Constructing the World. A Study in Paul's Cosmological Language*. Edinburgh: T & T Clark, 2000.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. 2ª ed. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- BROWN, Alexandra R. *The Cross and Human Transformation: Paul's Apocalyptic Word in 1 Corinthians*. Minneapolis: Fortress, 1995.
- CHOW, J. K. *Patronage and Power. A Study of Social Networks in Corinth*. JSNT Sup 75. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1992.

- CLARKE, Andrew. *Secular and Christian Leadership in Corinth*. A Socio-Historical and Exegetical Study of 1 Corinthians 1-6. Eugene, OR: Wipf & Stock Publishers, 2006.
- COLLINS, Raymond F. *1 Corinthians*. Sacra Pagina Series. Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press, 1999.
- CONZELMANN, Hans. *1 Corinthians*. Philadelphia: Fortress Press, 1975.
- EHRENSPERGER, Kathy. *Paul and the Dynamics of Power*. Communication and Interaction in Early Christian-Movement. London: T & T Clark International, 2007.
- FEE, Gordon D. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids (Michigan): W. B. E. Publishing Company, 1984.
- FINNEY, Mark T. *Honour and Conflict in the Ancient World*. 1 Corinthians in its Greco-Roman Social Setting. London: T & T Clark, 2013.
- FIORENZA, Elisabeth S. Rhetorical Situation and Historical Reconstruction in 1 Corinthians. *New Testament Studies*, vol. 33, p. 386-403, 1987.
- FOULKES, Irene. *Problemas Pastorales en Corinto*. SAN JOSE: Editorial DEI, 1996.
- GORMAN, Michael J. *Cruciformity, Paul's Narrative Spirituality of the Cross*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001.
- HEIL, John Paul Heil, *The Rhetorical Role of Scripture in 1 Corinthians*. Atlanta: Society of Biblical Literature.
- HORRELL, David G. *Solidarity and Difference*. A Contemporary Reading of Paul's Ethics. London/New York: T & T Clark International, 2005.
- HORRELL, David G. *The Social Ethos of the Corinthians Correspondence*. Interests and Ideology from 1 Corinthians to 1 Clement. Edinburgh: T & T Clark, 1996.
- JEWETT, Robert. "Paulo, a vergonha e a honra". SAMPLEY, J. Paul (org.). *Paulo no mundo greco-romano: um compêndio*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 485-504.
- KWON, OH-Young. *1 Corinthians 1-4*. Reconstructing its Rhetorical and Social Situation and Re-Reading it Cross-Culturally for Korean-Confucian Christians Today. Eugene, OR: WIPF & STOCK, 2010.
- LAMPE, Peter. "Paulo, os patronos e os clientes". SAMPLEY, J. Paul (org.). *Paulo no mundo greco-romano: um compêndio*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 429-457.
- LAMPE, Peter. Theological Wisdom and the Word about the Cross: The Rhetorical Scheme in 1 Corinthians 1-4. *Interpretation* 44, p. 117-131, 1990.

- LIM, T. Not in Persuasive Words of Wisdom, but in Demonstration of the Spirit and Power. *Novum Testamentum* 29.2, p. 137-149, 1987.
- MARSHALL, Peter. *Enmity in Corinth*. Social Conventions in Paul's Relations with the Corinthians. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1987.
- MIHAILA, Corin. *The Paul-Apollos Relationship and Pal's Stance Toward Greco-Roman Rhetoric*. Edinburgh: T & T Clark, 2009.
- MITCHELL, M. M. "Rhetorical Shortland in Pauline Argumentation: The Functions of the 'Gospel' in the Corinthian Correspondence". In: *Gospel in Paul*. Studies in Corinthians, Galatians and Romans for Richard N. Longenecker. Edited by Jervis, L. Ann & Richardson P. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1994.
- MITCHELL, M. M. *Paul and the Rhetoric of Reconciliation*. An Exegetical Investigation of the Language and Composition of 1 Corinthians. Louisville, Kentucky: Westminster/John Knox Press, 1992.
- PASCUZZI, Maria. Baptism-based Allegiance and the Divisions in Corinth: A Reexamination of 1 Corinthians 1:13-17. *The Catholic Biblical Quarterly* 71, p. 813-829, 2009.
- PICKETT, Raymond. *The Cross in Corinth*. The Social Significance of the Death of Jesus. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.
- POGOLOFF, Stephen M. *Logos and Sophia*. Atlanta: Scholars Press, 1992.
- RICE, Joshua. *Paul and Patronage*. The Dynamics of Power in 1 Corinthians. Eugene, Oregon: Pickwick Publications, 2013.
- SALLER, Richard P. *Personal Patronage under the Early Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- SAMPLEY, J. Paul (org.). *Paulo no mundo greco-romano: um compêndio*. São Paulo: Paulus, 2003.
- SCHÜTZ, John Howard. *Paul and the Anatomy of Apostolic Authority* (Louisville & London: Westminster John Knox Press, 2007.
- SHI, Wenhua. *Paul's Message of the Cross as Body Language*. WUNT. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009.
- THEISSEN, Gerd. "Os fortes e os fracos em Corinto. Análise sociológica de uma briga teológica". In: *Sociologia da Cristandade Primitiva*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1987, p. 133-147.
- THISELTON, Anthony C. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, W. B. E. Publishing Co., 2000.
- WATSON, Duane F. "Paulo e o gloriar-se". In: SAMPLEY, J. Paul (org.). *Paulo no mundo greco-romano: um compêndio*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 57-79.
- WELBORN, L. L. On the Discord in Corinth: 1 Corinthians 1-4 and Ancient Politics. *Journal of Biblical Literature* 106, p. 83-113, 1987.

WITHERINGTON III, Ben. *Conflict & Community*. A Socio-Rhetorical Commentary on 1 and 2 Corinthians. Grand Rapids, Michigan, William B. E. Publishing Company, 2002.